



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO

SEBASTIANA EDIMILZA AMADOR

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS: AÇÕES PEDAGÓGICAS DA SALA DO
AEE EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE ITAJÁ/RN

MOSSORÓ

2017

SEBASTIANA EDIMILZA AMADOR

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS: AÇÕES PEDAGÓGICAS DA SALA DO
AEE EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE ITAJÁ/RN**

Artigo apresentado ao Curso de Especialização em Atendimento Educacional Especializado da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Especialista em Atendimento Educacional Especializado.

Orientadora: Prof^a Me. Ana Gabriela de Souza Seal

MOSSORÓ

2017

RESUMO

O presente trabalho pretende levar ao conhecimento e discussão as práticas pedagógicas inclusivas: ações pedagógicas da sala do AEE em uma escola municipal de em Itajá/RN. Temos por objetivo apresentar reflexões acerca das Práticas Pedagógicas (ações) dirigidas à pessoas com deficiência, na sala do AEE, em uma escola municipal de em Itajá/RN. Baseamos este, nos estudos de Prado (2001); na LDB (1996); Resolução nº 4/ 2009. Neste sentido, a inclusão dos alunos com deficiência no âmbito educacional é um debate atual e requer organização de várias propostas de trabalho. Inclusão é um tema bastante polêmico do ponto de vista educacional. Optamos por realizar uma pesquisa de campo, numa abordagem qualitativa, por possibilitar uma melhor compreensão acerca do tema em estudo. Os dados foram coletados através do instrumento de pesquisa – sessões desenvolvidas junto a duas professoras. O artigo está organizado, além dessa introdução, através de: aspecto metodológico do estudo; análises dos dados e, por último, as conclusões. O aluno com deficiência precisa de ações pedagógicas diferenciadas e, para que isso aconteça, cabe à escola organizar, tanto o espaço físico, quanto os materiais pedagógicos, respeitando sempre suas capacidades e habilidades motoras. O papel do professor deve ser o de observador das especificidades da criança e atuar usando sua experiência e criatividade para trabalhar com ela.

Palavras chaves: Atendimento Educacional Especializado. Práticas Pedagógicas inclusivas.

ABSTRACT

The present work intends to bring to the knowledge and discussion the pedagogical practices inclusive: pedagogical actions of the ESA classroom in a municipal school in Itajá/RN. We aim to present reflections on the Pedagogical Practices (actions) addressed to people with disabilities in the classroom Of ESA, in a municipal school in Itajá/RN. We base this in studies by Prado (2001); In LDB (1996); Resolution nº 4 / 2009. In this sense, the inclusion of students with disabilities in the educational field is a current debate and requires organization of several work proposals. Inclusion is a very controversial topic from the educational point of view. We have chosen to carry out a field research, in a qualitative approach, to enable a better understanding of the subject under study. Data were collected through the research instrument - sessions developed with two female teachers. The article is organized, besides this introduction, through: methodological aspect of the study; Analysis of the data and, finally, the conclusions. The disabled student needs differentiated pedagogical actions and, for this to happen, it is up to the school to organize both the physical space and the teaching materials, always respecting their abilities and motor skills. The role of the teacher should be that of observer of the specificities of the child and act using his experience and creativity to work with it.

Key words: Specialized Educational Assistance. Inclusive pedagogical practices.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 ASPECTOS METODOLÓGICOS DO ESTUDO.....	7
2.1 LÓCUS DE INVESTIGAÇÃO	9
2.2 SUJEITOS COLABORADORES DA PESQUISA.....	10
3. NARRATIVAS DO SUJEITO SOBRE AÇÕES PEDAGÓGICAS INCLUSIVA	11
3.1 VISÃO DO PROFESSOR DO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO – AEE.....	11
3.2 A VISÃO DA SALA COMUM SOBRE O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO-AEE	16
4. CONCLUSÕES	18
5. REFERÊNCIAS.....	19

1 INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos vivenciamos no Brasil o movimento pela inclusão escolar. Um dos grandes avanços é que as pessoas com deficiência ganharam espaço na sociedade quebrando paradigmas conceituais que por ventura os impediam de ter acesso ao âmbito escolar, participando ativamente da sociedade cumprindo com seu dever como cidadão ativo e participativo dentro da sociedade.

A despeito de ser objeto de crescente reflexão no meio educacional este assunto vem sendo abordado por diferentes dimensões como a cultura, a política e a social, na qual destacamos não somente os novos desafios relativos às práticas inclusivas dentro da escola como espaço de acesso ao conhecimento, mas também como contexto social para a construção da cidadania.

Diariamente nas escolas, os professores sentem inseguros em lidar com as práticas pedagógicas inclusivas. Sendo assim é preciso superar as angústias de não ter uma formação adequada para se trabalhar com práticas inclusivas, buscando possíveis soluções para superar as situações relacionadas à temática.

Um dos grandes desafios para os educadores é saber lidar com a prática pedagógica inclusiva. Os professores, ansiosos em cumprir o seu papel de educadores comprometidos, buscam soluções em materiais de apoio. Muitas vezes a falta de capacitações e de vontade de querer ir além, contribuem para essa verdadeira insegurança, para ensinar aos alunos com necessidades educacionais especiais.

Na maioria das vezes, por falta de orientação sobre como agir diante de um aluno com necessidades educacionais especiais, cada professor atua de forma que mais lhe convém, utilizando-se de sua experiência e bom senso, na busca de pacificar as práticas pedagógicas inclusivas.

A preocupação com a temática práticas pedagógicas na Sala do AEE, está ligada à minha trajetória como educadora, estendendo-se nos estágios do Curso de Pedagogia e permanecendo ao longo de 13 anos de carreira docente. Durante estes anos, como professora da Rede Municipal de Ensino de Itajá, Rio Grande do Norte, temos presenciado a insegurança dos professores que são destinados para a sala do AEE, que muitas vezes não estão preparados para trabalhar com alunos especiais. Nesse contexto, percebemos que os professores se sentem angustiados, sem saber amenizar o problema. Torna-se comum durante

as reuniões de professores, ouvirmos, várias queixas sobre o que fazer para superar barreiras e tornar o aluno um ser com autonomia e que este possa viver em uma sociedade inclusiva.

Em virtude de presenciar essa insegurança, escolhemos discutir sobre as práticas pedagógicas inclusivas: ações pedagógicas da sala do aee em uma escola municipal de Itajá/RN, em busca de construir uma reflexão sobre esse problema, comum e complexo nas escolas. As práticas pedagógicas sempre nos chamaram atenção. Somos educadores e que em sua maioria procuramos saber como lidar com estes impasses que fazem parte do cotidiano escolar. Portanto, através deste, pretendemos compreender melhor quais as práticas pedagógicas para uma melhor inclusão dos alunos especiais.

Para discutirmos a temática a partir da concepção de professores, se fez necessário compreendermos o que são práticas pedagógicas. Para isto, nos respaldamos nos estudos de Prado (2001); na LDB (1996); Resolução nº 4/ 2009, dentre outros autores que contribuem para a compreensão do tema estudado.

Definimos como objetivo para estudo apresentar reflexões acerca das Práticas Pedagógicas (ações) dirigidas à pessoas com deficiência, na sala do AEE, em uma escola municipal de Itajá/RN.

Optamos por realizar uma pesquisa de campo, numa abordagem qualitativa, por possibilitar uma melhor compreensão acerca do tema em estudo. Os dados foram coletados através do instrumento de pesquisa – sessões desenvolvidas junto a duas professoras. O artigo está organizado, além dessa introdução, através de: aspecto metodológico do estudo; análises dos dados e, por último, as conclusões.

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS DO ESTUDO

No que se refere à abordagem da pesquisa, optamos pela realização de um estudo qualitativo, na perspectiva autobiográfica, por acreditarmos que esse tipo de pesquisa vem contribuir para o processo de análise durante as sessões reflexivas que realizaremos durante a nossa investigação. Produzimos um roteiro com questões norteadoras para serem focalizadas nas sessões, com o propósito de servirem de suporte e orientação para compreendermos o objeto de estudo, seguindo a flexibilidade que embasa o planejamento das investigações de natureza qualitativa, de acordo com o que afirmam Biklen e Bogdan (1994, p. 83-84):

A forma como procedem [os investigadores qualitativos] é baseada em hipóteses teóricas (que o significado e o processo são cruciais na

compreensão do comportamento humano; que os dados descritivos representam o material mais importante a recolher e que a análise de tipo indutivo é a mais eficaz) e nas tradições da recolha de dados (tais como a observação participante, a entrevista não estruturada e a análise de documentos). Estas fornecem os parâmetros, as ferramentas e uma orientação geral para os passos seguintes. Não se trata de negar a existência do plano, mas em investigação qualitativa trata-se de um plano flexível. Os investigadores qualitativos partem para um estudo munidos dos seus conhecimentos e da sua experiência, com hipóteses formuladas com o único objetivo de serem modificadas e reformuladas à medida que vão avançando.

Por concordar com a flexibilidade da abordagem qualitativa é que, dentre os procedimentos utilizados neste estudo, destacamos as sessões, por estas se constituírem um instrumento fundamental para a construção dos dados, uma vez que nos possibilitam compreender as vivências e experiências que os sujeitos têm e suas representações que se formam, estabelecendo assim uma inter-relação entre o mundo vivenciado por eles no dia-a-dia profissional e as concepções teóricas acerca do tema. As sessões permitiram uma maior interação entre pesquisadora e entrevistados, constituindo-se importante referência para a reflexão acerca do objeto de estudo, principalmente por possibilitarem aos sujeitos dizerem como vêem seu trabalho, seus conflitos diante dos problemas.

A essa modalidade de pesquisa qualitativa autobiográfica buscamos, segundo Passeggi (2008, p. 10), “mostrar como as pessoas dão forma às suas experiências, fazem significar as situações e os conhecimentos de sua existência, [...]”. ou seja, mostram suas trajetórias de vida aspectos históricos, sociais, cognitivos, culturais, institucionais.

O instrumento eleito para tanto foi um roteiro de entrevistas sendo esta uma técnica de coleta de dados “em que o entrevistador se apresenta frente ao entrevistado e lhe formula perguntas com o objetivo de obtenção de dados que lhe interessa a investigação”. (GIL, 1999, p. 117). O registro das respostas foi realizado através de gravação de áudio a fim de possibilitar o sucesso da coleta de dados. De acordo com GIL (1999) p. 120.

O único modo de reproduzir com precisão as respostas é registrá-las durante a entrevista, mediante anotações ou com o uso de gravador. A anotação posterior à entrevista apresenta dois inconvenientes: os limites da memória humana que não possibilitam a retenção da totalidade da informação e a distorção decorrente dos elementos subjetivos que se projetam na reprodução da entrevista.

Para o registro das respostas, é importante que o entrevistador, defina um plano para a anotação das respostas. Durante as sessões foram feitas as seguintes perguntas a professora do AEE:

Qual o papel do professor do Atendimento Educacional Especializado na escola? De que forma a família participa do AEE? Quais as diferenças do trabalho do AEE para o trabalho desenvolvido pelos professores da classe regular? Qual formação você acha que é necessária para atuar no AEE? Quais as práticas pedagógicas que você, enquanto professora do AEE utiliza? Qual é a metodologia que você utiliza para a realização dos atendimentos?

Em relação as questões aplicadas a professora da sala regular, temos:

Você sabe como funciona e a quem se destina o AEE? Os professores estão preparados para atuar no AEE? Quais são os documentos existentes na escola que norteiam a educação especial? Qual é a sua relação com a professora do AEE?

Para tanto, apresentaremos o Lócus de investigação e os sujeitos colaboradores da pesquisa, para melhor compreensão a respeito da pesquisa.

2.1 LÓCUS DE INVESTIGAÇÃO

Escolhemos como lócus desta pesquisa uma escola localizada na comunidade rural do no sítio Caraú, município de Itajá/RN. A escolha desta Escola se deu por estar relacionada com a minha vida profissional, pois sou professora nesta unidade de ensino há treze anos e, desde então, venho observando insegurança dos professores ao ver que em suas listas de frequência tem alunos com deficiência, assim, como o que vem ocorrendo em muitas outras instituições de ensino.

A escola foi criada no ano de 2000, pela Lei nº 035/2000, que vendo a necessidade da comunidade em relação a sua educação priorizou uma escola do campo para assim favorecer os cidadãos de pequenos agricultores, pescadores e artesãos. É mantida pela Prefeitura Municipal e pelo Programa de Dinheiro Direto na Escola (PDDE). Funciona no período matutino (7h às 11h e 30min), vespertino (13h às 17h e 30min). Dados de 2017, obtidos da secretaria da Escola, informam a matrícula de 32 alunos, distribuídos em 3 turmas, uma (01) da educação infantil, uma (01) do primeiro ao terceiro ano; uma (01) do quarto ao quinto ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais.

A infraestrutura da escola é composta de uma secretaria, duas salas de aula, uma sala de professores, uma cozinha, três banheiros, sendo um acessível um espaço para eventos, um espaço de recreação e uma sala de recursos multifuncionais. Segundo informações colhidas na secretaria da escola, a referida escola foi contemplada em 2016 com o recurso de acessibilidade. Os ambientes têm identificação do que está funcionando nos determinados espaços. Em relação a infraestrutura da sala de recursos multifuncional, é um espaço pequeno,

não tem alargamento de portas, tem os equipamentos de acessibilidades (computadores impressoras) sem uso, pois estão precisando de reparos.

O quadro de funcionários é constituído por: uma diretora que trabalha no período da manhã, é formada em Pedagogia, três Auxiliar de Serviços Gerais que cuidam da merenda e faxina da escola, quatro professores, sendo três do ensino regular e um do AEE, destes, dois pós – graduados na área de pedagogia, um com o magistério e um professor do Atendimento Educacional Especializado com o ensino medio completo.

2.2 SUJEITOS COLABORADORES DA PESQUISA

A pesquisa teve como sujeitos (01) uma professora do Ensino Fundamental Anos Iniciais, que atua em uma escola da rede municipal na cidade de Itajá/RN e (01) uma professora da sala do AEE. Com base nos dados coletados desenhamos o perfil das (02) duas professoras da referida escola. Ressaltamos que os sujeitos colaboradores da pesquisa serão reconhecidos no texto com pseudônimos, a fim de preservar a sua identidade. Conforme quadro a seguir:

Quadro1 – Demonstrativo dos participantes da pesquisa (professoras)

Nome	Turma em que leciona	Formação Inicial	Pós-Graduação
Rosa	Sala do AEE	Ensino Médio Cursando Ciências Económicas	Não possui
Margarida	1º ao 3º	Pedagogia	Gestão e Coordenação escolar Atendimento Educatonal Especializado (em fase de conclusão)

Fonte: Autoria própria

É importante ressaltar que, um dos sujeitos da pesquisa atua em turma multisseriada, como pode ser visto no quadro apresentado, atuando do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais e outro sujeito atua na sala de AEE, vale ainda ressaltar que os sujeitos da pesquisa são mulheres totalizando assim 100% do corpo docente desta instituição, a faixa etária varia entre 20 e 34 anos de idade, em relação ao estado civil todas declararam ser solteiras. Quanto à formação vale ressaltar que Rosa não tem formação adequada para atuar como pedagoga do Atendimento Educacional Especializado.

Para realização deste estudo dos dados, buscamos fazer uma análise crítica - reflexiva acerca dos saberes dos sujeitos, para conhecer a área de formação inicial e continuada dos sujeitos pesquisados e as concepções sobre a temática. A opção por esses professores se deu porque nessas turmas encontram-se alunos especiais.

3. NARRATIVAS DO SUJEITO SOBRE AÇÕES PEDAGÓGICAS INCLUSIVA

Apresentaremos as narrativas das colaboradoras e participantes da pesquisa, por meio das quais buscamos apresentar as falas dos sujeitos acerca das práticas pedagógicas na escola. Conforme exposto na parte introdutória deste trabalho, analisaremos os discursos dos sujeitos, durante a observação e também nas sessões acerca de seus fazeres e concepções sobre a temática.

Durante a realização deste estudo foi possível construir o perfil da professora que trabalha no AEE. Era auxiliar de professor sem experiência em sala de aula. Tem Ensino Médio completo e cursa Ciências Econômicas. Partindo dessa formação posso afirmar que a mesma não possui formação para ocupar o cargo como prevê a resolução Nº 2/2001 CNE/CEB sobre a formação dos profissionais lotados nas salas de atendimento especializado. A seguir discorreremos sobre a visão dos sujeitos colaboradores da pesquisa a respeito do Atendimento Educacional Especializado.

3.1 VISÃO DO PROFESSOR DO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO – AEE

Na primeira sessão fizemos um encontro com a professora da sala do AEE. Para que não parecesse um questionário, fizemos uma reflexão e em conversas foi feita a primeira

pergunta. Qual o papel do professor do Atendimento Educacional Especializado na escola? Ao qual, obtivemos a seguinte resposta:

R: Ele não tem apenas o papel relevante voltado apenas para a sala mais sim, também pra escola. É necessário a articulação com os professores da sala de aula comum, orientação com as famílias dos alunos, a elaboração dos planos de AEE e o disseminar o processo na comunidade escolar.

Observa-se, na fala da docente que o professor para trabalhar no AEE, precisa estar preparado para as diversas situações que irá encontrar e tem que ter consciência que não vai lidar apenas com um modelo de aluno. Para a professora, a sua formação necessita abranger várias áreas de conhecimentos de forma integrada e permanente, não pode limitar-se à apenas cursos eventuais. Precisa refletir sobre sua prática, para que possa buscar novos conhecimentos e aprimorar o ensino que está oferecendo para o seu aluno em sala de aula. Tal como também é discutido por Prado e Freire (2001, p.5) quando afirmam que cabe ao professor do AEE.

a partir de observações criteriosas, ajustar suas intervenções pedagógicas ao processo de aprendizagem dos diferentes alunos, de modo que lhes possibilite um ganho significativo do ponto de vista educacional, afetivo e sociocultural (PRADO & FREIRE, 2001, p.5).

Em relação à ação pedagógica desse docente, a Resolução nº 04/2009, pontua no artigo 13 uma série de atividades, tal como a apresentada a seguir:

- I - identificar, elaborar, produzir e organizar serviços, recursos pedagógicos, de acessibilidade e estratégias considerando as necessidades específicas dos alunos público-alvo da Educação Especial;
- II - elaborar e executar plano de Atendimento Educacional Especializado, avaliando a funcionalidade e a aplicabilidade dos recursos pedagógicos e de acessibilidade;
- III - organizar o tipo e o número de atendimentos aos alunos na sala de recursos multifuncionais;
- IV - acompanhar a funcionalidade e a aplicabilidade dos recursos pedagógicos e de acessibilidade na sala de aula comum do ensino regular, bem como em outros ambientes da escola;
- V - estabelecer parcerias com as áreas intersetoriais na elaboração de estratégias e na disponibilização de recursos de acessibilidade;
- VI - orientar professores e famílias sobre os recursos pedagógicos e de acessibilidade utilizados pelo aluno;
- VII- ensinar e usar a tecnologia assistiva de forma a ampliar habilidades funcionais dos alunos, promovendo autonomia e participação;
- VIII - estabelecer articulação com os professores da sala de aula comum, visando à disponibilização dos serviços, dos recursos pedagógicos e de

acessibilidade e das estratégias que promovem a participação dos alunos nas atividades escolares (BRASIL, 2009, p. 3).

Podemos perceber que a professora, tem conhecimento do seu papel enquanto professora de Atendimento Educacional Especializado. Em continuação as reflexões, perguntamos: De que forma a família participa do AEE? Em resposta, obtivemos:

R: Não tanto quanto devia, pois acha que é apenas uma aula simples sendo assim, não tem o interesse em saber do andamento do filho na escola.

Precisamos do apoio da família para um bom resultado do aprendizado do aluno, mas muitas famílias justificam a ausência por falta de tempo em estar presente em reuniões, em estar acompanhando as tarefas de casa ou atividades de sala de aula, muitas famílias têm a dificuldade em aceitar que o filho tem necessidades educacionais especiais, assim dificultando o desenvolvimento do aluno. Facion alerta que “os profissionais não devem julgar os pais, mas ajudá-los, entendê-los e respeitá-los”.(FACION, 2008, p. 206). Independentemente do formato que se apresentam, as famílias devem ser consideradas instituições que também enfrentam dúvidas, preconceitos e desejos de participação, cabendo a escola a função de acolher e abrir espaços para que tenham vez e voz.

Em outro momento, perguntamos a professora: Quais as diferenças do trabalho do AEE para o trabalho desenvolvido pelos professores da classe regular?

Em resposta, obtivemos:

R: Tem funções muito parecidas com a diferença de que o professor da sala do AEE busca desenvolver com os alunos habilidades que não podem ser desenvolvidas em sala de aula comum.

Tanto o professor do AEE, quanto o professor do ensino regular tem grandes desafios a vencer, dando a sua participação para a contribuição social e para o desenvolvimento aluno e tem um papel muito importante, que é o sucesso da educação, seja ela formal ou informal. Para uma educação de qualidade é necessário uma formação sólida e contínua, com uma progressão continuada que lhe forneça subsídios para uma reflexão sobre a sua prática pedagógica. Há uma pequena diferença em ambas as partes, o professor do AEE busca alternativas que possam auxiliar o aluno em seu desenvolvimento suprimindo as lacunas existentes por conta de sua deficiência, confeccionando materiais adaptados, com tecnologia assistiva e outras, sempre eliminando as barreiras para que o aluno possa participar em evento

proporcionado pela escola. Enquanto o professor da sala comum trabalha com a parte de conteúdos e conceitos exigida em cada nível escolar.

Uma outra questão discutida durante a sessão foi, “Qual formação você acha que é necessária para atuar no AEE? Obtivemos a seguinte resposta:

R: Formação na área pedagógica e cursos de especializações na área do AEE.

A qualificação docente é um ponto fundamental e conforme Resolução CNE/CEB n.4/2009, art. 12, “para atuar no atendimento educacional especializado, o professor deve ter formação inicial que o habilite para exercício da docência e formação específica na educação especial.”

Podemos observar que são inúmeros os problemas encontrados no que se refere à formação dos educadores. Há uma carência muito grande em nosso município de professores qualificados que atendam às exigências deste novo paradigma educacional e é de extrema urgência que se faça uma reformulação na grade curricular dos cursos de graduação ofertados pelas universidades de nosso país. Pois temos que ter “jogo de cintura” para atender essa clientela.

A formação do professor deve ser um processo contínuo, que perpassa sua prática com os alunos, a partir do trabalho transdisciplinar com uma equipe permanente de apoio. É fundamental considerar e valorizar o saber de todos os profissionais da educação no processo de inclusão. Não se trata apenas de incluir um aluno, mas de repensar os contornos da escola e a que tipo de Educação estes profissionais têm se dedicado. Trata-se de desencadear um processo coletivo que busque compreender os motivos pelos quais muitas crianças e adolescentes também não conseguem encontrar um “lugar” na escola. (BRASIL, 2005, p.21).

Assim, é preciso atentar para que profissionais sejam capacitados para atuar junto às escolas. Isso é algo que eles não carregam como herança; portanto, tem de ser objeto de formação continuada, prevendo que sua intervenção, no âmbito das escolas, esteja assentada em práticas de ensino a serem desenvolvidas com esses alunos.

Na segunda sessão reflexiva, ampliamos nossa pesquisa perguntando: “Quais as práticas pedagógicas que você, enquanto professora do AEE utiliza? Em resposta obtivemos:

R: A primeira é conseguir que os alunos consigam realizar todas as tarefas em sala, fazendo assim a inclusão.

A esse contexto percebemos que são poucas as práticas que a mesma explicita, sabemos que existem varias estratégias utilizadas que precisam ser revisadas e caminhar em busca de novas práticas. Esta perspectiva, não se coaduna com o paradigma do profissional interativo, pois este estará participando diretamente do processo de ensino e aprendizagem e do desenvolvimento da inovação educativa, sendo assim um profissional para participar da transformação dessa realidade, e não apenas para compreender esse processo, pois "o meu papel no mundo não é de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. No mundo da historia, da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar" (FREIRE, 1996 p.85).

Para Freire, a curiosidade é considerada como elemento fundamental para que a prática assuma um caráter especulativo no sentido de promover a reflexão crítica por parte do professor, quando afirma que:

A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos (FREIRE, 1996 p.32).

Esta ideia nos remete ao conceito da “condição de inacabamento do ser humano e consciência desse inacabamento”. De acordo com Freire o homem é um ser inacabado através do movimento permanente de ser mais.

Articulando com essa mesma discussão perguntamos, “Qual é a metodologia que você utiliza para a realização dos atendimentos? Em resposta obtivemos:

R: É trabalhado mosaicos, colagens, recortes montagens e jogos educativos.

Analizando essas concepções apontadas pela professora, percebemos que a mesma, não possui formação na área da Educação Especial para uma melhor prática. Em uma das sessões a professora R. frisou que sente dificuldades para inovação de sua prática pedagógica, em diversificar metodologia, em articular conteúdos de forma contextualizada. R. diz que sente receio por não ter formação na área de pedagogia, e fica insegura ao trocar idéias e técnicas com outros educadores. Por fim, valorizar metodologias mais desafiadoras, estimulam os alunos a aperfeiçoar valores, a refletir, questionar, participar de atividades modo coletivo. Usar da criatividade, planejar bem as aulas usando diferentes técnicas, integrar as tecnologias da informação e comunicação à prática pedagógica, desenvolver vínculos e relações afetivas

com os alunos, motivar o aluno a adquirir desejo pela aprendizagem, aguçar a curiosidade e a criatividade dos aprendizes, aumentar a auto - estima do aluno, incentivar os alunos a realizar trabalhos coletivos, aplicar atividades pedagógicas através de dinâmicas de grupo. É preciso que os professores atualizem-se, façam pós-graduação, cursos e participem de eventos, oficinas e palestras na área. Com isso, vão se preparar melhor para atuar nas escolas que têm alunos com deficiência. Diante do exposto em relação ao professor do Atendimento Educacional Especializado, vamos analisar o professor do ensino regular.

3.2 A VISÃO DA SALA COMUM SOBRE O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO-AEE

A escola comum torna-se inclusiva quando ela consegue reconhecer as diferenças de seus alunos diante do processo educativo, adotando novas práticas pedagógicas, buscando a participação e o progresso de todos os alunos.

Em reflexão e em conversas foi feita a primeira pergunta “Você sabe como funciona e a quem se destina o AEE? Obtivemos a seguinte resposta:

M: Sim, o AEE funciona no contra turno. Acredito que esse atendimento é destinado preferencialmente aos alunos com deficiência, aqueles que possuem impedimentos de longo prazo de deficiência física, intelectual, mental ou sensorial. E também aqueles alunos com transtornos globais do desenvolvimento que apresentam quadro de alterações no desenvolvimento neuropsicomotor, comprometimento nas relações sociais, na comunicação ou estereotípias motoras, incluindo autismo clássico, síndrome de Asperger, síndrome de Rett, transtorno desintegrativo da infância (psicoses) e transtornos invasivos sem outra especificação, bem como alunos com altas habilidades ou superdotação – aqueles que apresentam um potencial elevado e grande envolvimento com as áreas do conhecimento humano, isoladas ou combinadas.

Em um segundo momento perguntamos “Os professores estão preparados para atuar no AEE? E obtivemos:

M: “Nem sempre, mais são desafiados todos os dias buscar novos conhecimentos para assim estar acompanhando essas crianças. Ainda há pouco investimento nesta área, ou seja, ainda temos poucas oportunidades para nos capacitar e preparada nunca vamos está o que vale mesmo no meu ponto de vista é o compromisso com estas crianças.”

Com base na fala deste profissional, podemos observar que a professora tem conhecimentos sobre o AEE, porém, há uma preocupação muito grande com a falta de capacitação para todos os professores, fica claro que para a docente é necessária a formação

com urgência, que segundo a professora, esta formação deveria ser ofertada pelos órgãos municipais, porque o professor precisa estar preparado para trabalhar com as diferenças de cada aluno e para isso precisa ter um conhecimento mais apurado do que deve fazer numa sala do AEE.

Em outro momento perguntamos “Quais são os documentos existentes na escola que norteiam a educação especial? Em resposta obtivemos:

M: Não tenho conhecimento de nenhum documento existente na escola, sempre procuro saber da existência dos documentos que acredito que deveria estar na instituição, porém não foi feito. Nem ao menos o plano anual da sala do AEE.

Percebemos durante a fala da professora M. que falta conhecimentos a respeito dos documentos que deveriam estar na escola. também podemos apontar que a falta de interação entre os sujeitos pode levar a não realização de estudos aprofundados e conseqüentemente a não elaboração dos planos. A escola necessita de ter um plano anual do AEE, pois de acordo com a resolução nº 04/2009, Art. 9º confirma que:

A elaboração e a execução do plano de AEE são de competência dos professores que atuam na sala de recursos multifuncionais ou centros de AEE, em articulação com os demais professores do ensino regular, com a participação das famílias e em interface com os demais serviços setoriais da saúde, da assistência social, entre outros necessários ao atendimento.

Em seguida perguntamos “Qual é a sua relação com a profesora do AEE? Em resposta obtivemos:

Infelizmente nós não temos. É isso que é a nossa dificuldade. Prá mim, a dificuldade maior é ter um momento, entendeu, prá gente sentar com o professor e ter essa valorização desse encontro. Eu quero que tenha a visão de que a gente tá ali juntos, prá poder trabalhar juntos e pro melhor prá esse aluno. Então isso prá mim é um grande dificultador no meu trabalho na sala de aula. Tem hora que a gente fica assim, meu Deus, como é que eu vou fazer agora com esse aluno?

Rodrigues (2012, p.1270) afirma que:

[...] a parceria entre a sala regular e a sala de recursos multifuncionais é uma condição imprescindível para o sucesso da inclusão educacional. É na troca de informações, entre os professores, que se realiza a reflexão e o replanejamento da ação educativa que vai gerar novas oportunidades de aprendizagem para o aluno e isso só é possível quando a humildade superar a arrogância, a soma superar a subtração, o comprometimento superar o compromisso e o amor superar a ignorância. Vencidos esses obstáculos,

educadores e educandos estarão sendo beneficiados com a construção de uma sociedade cidadã.

O trabalho de articulação entre os profissionais de AEE e de classe comum precisa ser compreendido como fator essencial para a inclusão escolar. Priorizar a articulação desses profissionais é uma forma de garantir o apoio que o aluno com NEE tanto necessita durante a sua trajetória escolar e também melhorar a qualidade da educação.

4. CONCLUSÕES

As conclusões aqui apresentadas não almejam finalizar o debate traçado acerca da prática pedagógica com alunos com Necessidades Educacionais Especiais, mas sim trazer algumas questões que foram evidenciadas nesta pesquisa que buscou investigar na prática pedagógica desses alunos, permeada por sua vez de limites e possibilidades na formação docente e da necessidade de uma (re) significação da prática pedagógica do professor em favor da inclusão escolar.

Nesse contexto, a inclusão dos alunos com Necessidades Educacionais Especiais, instiga os professores a mobilização dos conhecimentos construídos durante a sua formação inicial, bem como aqueles construídos durante suas trajetórias de (auto) formação.

Percebemos, ao longo da pesquisa, que no desenvolvimento da prática docente a professora da sala regular evidenciou os saberes construídos no período da formação inicial que permitem (re) significar o olhar sobre o sujeito com Necessidades Educacionais Especiais e identificar qual a necessidade especial e os saberes que habilitam o docente no exercício de suas funções. Já a professora de Atendimento Educacional Especializado busca os saberes em pesquisas, como também os saberes construídos durante a prática pedagógica, a fim de refletir a própria experiência educativa para a atuação com esses sujeitos, sobretudo, na improvisação das atividades para os sujeitos com Necessidades Educacionais Especiais, pois a mesma não possui formação inicial que a habilite para atuar no AEE.

Desse modo, foi possível constatar que a prática pedagógica dos professores da pesquisa acontece na tentativa de desenvolver as capacidades intelectuais dos alunos com Necessidades Educacionais Especiais em direção ao aprimoramento das habilidades, atitudes e conhecimento. Os discursos dos sujeitos desta pesquisa apontam que os saberes que agregam a prática pedagógica precisam atender as necessidades e exigências da sociedade escolar com perspectiva à inclusão. No entanto, ainda permanece o desafio de buscar “novos” saberes que atendam as demandas da sociedade,

Podemos, enfim, afirmar o quanto a experiência na caminhada pessoal e profissional se manifesta como um saber favorável concebido no modo de ser e de operar na prática pedagógica do professor que atua com os sujeitos com Necessidades Educacionais Especiais. Este saber vai se formando por meio do exercício e da experiência do docente, que vai instituindo regras e normas de práticas, buscando organizar a diversidade de circunstâncias nas quais se depara em seu ofício.

5. REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96)**. Ministério da Educação, 1996

_____. Resolução nº 04, de dois de outubro de 2009. Diretrizes Operacionais da Educação Especial para o Atendimento Educacional Especializado. Brasília: MEC/SEESP. Acesso em: 30/05/2017.

_____. RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 2, DE 11 DE SETEMBRO DE 2001. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Disponível em: Acesso em 29/05/2017

_____. Ministério da Educação. Educação inclusiva: atendimento educacional especializado para a deficiência mental. Elaborado por Cristina Abranches Mota Batista, Maria Teresa Egler Mantoan. Brasília: MEC/SEESP, 2005.

BOGDAN, Robert; BICKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

FACION, José Raimundo. **Inclusão Escolar e suas implicações**. Curitiba: Ibpex, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PASSEGGI, Maria da Conceição (org.). **Tendências da pesquisa (auto) biográfica**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

PRADO, M. E. B. B.; FREIRE, F. M. P. **A formação em serviço visando a reconstrução da prática educacional**. In: FREIRE, F. M. P.; VALENTE, A. . (Orgs) *Aprendendo para a Vida: os Computadores na Sala de Aula*. São Paulo: Cortez, 2001.

RODRIGUES, Irene E. **Salas de recursos multifuncionais e salas regulares: uma parceria imprescindível ao processo de inclusão educacional**. Anais do V Congresso Brasileiro de Educação Especial e VII Encontro Nacional dos Pesquisadores da Educação Especial, 2012.